

**AS COSMOGONIAS DE PLATÃO, ARISTÓTELES E JUDAICA
COMENTADAS POR MAIMÔNIDES NO GUIA DOS PERPLEXOS**

**THE COSMOGONIES OF PLATO, ARISTOTLE, AND JEWISH ONE
COMMENTED BY MAIMONIDES IN THE GUIDE FOR THE PERPLEXED**

Omar F. Aly

RESUMO

Neste artigo se comparam comentários de Maimônides sobre as cosmogonias de Aristóteles e Platão no *Guia dos Perplexos* e tradução de fragmentos do *Timeu* de Platão, estabelecendo comentário comparativo sobre as cosmogonias de Aristóteles, Platão e Judaica; é proposta uma linha de pesquisa a partir dele. A origem desse trabalho foi um seminário realizado no curso de pós-graduação do prof. Henrique G. Murachco: *Platão- Timeu - Proposta de uma leitura linear*.

PALAVRAS-CHAVE

Cosmogonia grega, Cosmogonia judaica, Aristóteles, Maimônides, Platão.

ABSTRACT

In this article it has been compared Maimonides commentaries on the cosmogonies of Aristotle and Plato in *The Guide for the Perplexed*, and a translation of fragments from the Plato's *Timaeus*, establishing a comparative commentary on the cosmogonies of Aristotle, Plato and Jewish one; departing from this, it is proposed a research line. This article's origin has been a lecture realized in the post graduation course taught by prof. Henrique G. Murachco of São Paulo University: *Plato- Timaeus - Proposal of a linear reading*.

KEY-WORDS

Aristotle. Greek cosmogony. Jewish cosmogony. Maimonides. Plato.

INTRODUÇÃO

Rabbi Moshé ben Maimon (1135 ou 1138-1204), Rambam para os judeus, Maimônides para os cristãos, foi o maior pensador do judaísmo medieval e um dos maiores do judaísmo em todos os tempos (Unterman, 1992). Nascido em Córdoba na Espanha, foi filósofo, médico e *halachista* (de *halachá* que em hebraico significa “caminho” ou “trilha”: tradição legalista do judaísmo que se confronta geralmente com a teologia, a ética e o folclore da *hagadá*, acervo de conhecimentos e tradições rabínicas sobre ética, teologia, história, folclore e lendas: *hagadá* é uma palavra que em aramaico significa “história”). Referente a essa tradição, Maimônides compôs um importante código *haláchico*, o *Mishné Torá* (1180) e compôs em árabe, a mais importante obra filosófica judaica, o *Guia dos Perplexos* (1190) – conforme Figura extraída do verbete *The Guide for the Perplexed* (Wikipedia, 2014). Dentro do judaísmo essas obras são controversas, sendo Rambam criticado por se basear em Aristóteles, por seu descaso pela doutrina da ressurreição do corpo, sua condenação daqueles que acreditavam na corporeidade de Deus, sua rejeição às superstições e aos amuletos. Nota-se por isso que Maimônides tinha um espírito profundamente filosófico dentro da fé judaica. Maimônides era considerado pelos judeus “como seu Platão, que procurou conciliar a fé e a razão, a Bíblia e Aristóteles, professou o livre arbítrio e reduziu a religião a uma espécie de intelectualismo especulativo”, segundo o verbete a ele dedicado no *Dicionário Enciclopédico Lello Universal*. Mas Maimônides não reduziu a religião a um mero exercício intelectual, encarou-a de modo inovador através de um método filosófico aproveitado dos pensadores gregos aqui citados.



Figura 1. Página de manuscrito de Guia dos Perplexos do século XIV. O homem sentado na cadeira ornada com estrelas de David é presumido como sendo Aristóteles: *The Guide for the Perplexed* (Wikipedia, 2014).

De qualquer modo é notável a afinidade complementar desses três pensadores essenciais para o ulterior desenvolvimento do pensamento ocidental cuja comparação é o objetivo desse artigo.

As traduções de trechos do *Timeu* foram realizadas diretamente do grego pelo autor deste artigo (exceto onde indicado, pelo prof. Dr. Henrique Graciano Murachco), dentro da proposta do seu curso *FLC5105-1 Platão- Timeu- Proposta de uma leitura linear*. Foi utilizada a edição bilíngüe grego-francês, *Platon- Oeuvres Complètes- Tome X – Timée- Critias* (Rivaud, 1985). De Maimônides, foi utilizada a edição argentina *Guía de los Descarriados - Tratado de Teología y de Filosofía* traduzida por Dujovne (Maimonides, s.d.), p.70-76.

As traduções para o português são do autor deste artigo que foi escrito antes de 2003 (tendo passado todo esse período sem ser publicado), pois não dispúnhamos ainda da tradução em português (Maimônides, 2003). Optamos, no entanto por deixá-lo na forma como originalmente escrito, já que as mudanças nas citações alterariam significativamente a forma deste artigo, embora sem alteração do seu conteúdo.

TRADUÇÕES DE TRECHOS DO *GUÍA DE LOS DESCARRIADOS* E DO *TIMEU*

Na abertura do capítulo XIII da edição em castelhano do *Guia dos Perplexos*, há um sumário do que será nele tratado: “*As opiniões sobre a origem do mundo são em número de três: a dos teólogos ortodoxos que admitem a criação ex-nihilo; a de Platão e outros filósofos antigos, que admitem a eternidade da matéria caótica; a de Aristóteles e todos os peripatéticos, que admitem a eternidade do movimento e do tempo.*”

Nesse capítulo, Maimônides expõe:

1) A visão judaica: “Que o universo, em sua totalidade, isto é, todo ser fora de Deus, Deus o produziu do nada puro e absoluto; que não havia existido (antes) nada além de Deus único e que nada havia fora Dele, nem anjo nem esfera, nem o que há no interior da esfera celeste; logo, que Deus produziu todos esses seres, tais como eles são por sua livre vontade e não de alguma coisa; que, finalmente, o tempo também faz parte das coisas criadas, posto que ele acompanha o movimento que é um acidente da coisa movida e que mesmo essa coisa, cujo movimento o tempo acompanha, foi criada e nasceu depois de não haver existido. Uma vez que se diz: “Deus foi antes de criar o mundo”, onde a palavra *foi* indica um tempo, segue-se daí com o pensamento, que sua existência antes da criação do mundo se *tem prolongado* ao infinito. Pois em tudo isto só há suposição ou imaginação de tempo e não realidade de tempo, porque indubitavelmente o tempo é um acidente e toma parte, segundo nossa maneira de pensar, dos acidentes criados, do mesmo modo que a

negritude e a brancura. Ainda que não seja da espécie da qualidade, o tempo é, sem dúvida, um acidente inerente ao movimento, coisa que é clara para quem haja compreendido o que disse Aristóteles para explicar o tempo e seu verdadeiro ser”.

A seguir Maimônides faz uma interessante consideração sobre a essência do tempo, mostrando que ela abrange um acidente cujo substrato é imediato (como as cores e os sabores) e também um acidente cujo substrato é outro acidente (como o brilho da cor, a curvatura da linha). Assim, o tempo é um acidente inerente ao movimento que por sua vez é um acidente da coisa movida. “A isso se deve que o tempo haja ficado como algo obscuro”, afirma Maimônides.

O filósofo termina afirmando os dois pontos básicos da cosmogonia judaica:

a) o tempo “é uma coisa criada e *nascida*, como os outros acidentes e como as substâncias que levam a esses acidentes”.

b) a criação do mundo por Deus não pode ter um começo *temporal*, porque o tempo também é uma coisa criada”.

Maimônides termina a sua exposição afirmando a necessidade de se meditar profundamente sobre esse assunto “para que não te exponhas a objeções inevitáveis para quem ignora o que acabo de dizer. Com efeito, desde que afirmas (que existia) um *tempo* antes do mundo, estás obrigado a admitir a *eternidade*; pois sendo o tempo um acidente ao qual lhe faz falta um substrato, se seguiria que existiu alguma coisa antes da existência do mundo que existe agora e isso é precisamente aquilo que não queremos admitir”.

2) A visão de Platão (“de todos os filósofos dos quais ouvimos falar ou a quem temos lido”)

Maimônides intitula essa parte de “*opinião de todos os filósofos dos quais ouvimos falar ou a quem temos lido*”, nela incluindo a de Platão, basicamente a partir do *Timeu*.

Ele começa negando a visão judaica: “É inadmissível, dizem (os filósofos), que Deus produza alguma coisa do nada. Segundo eles tampouco é possível que alguma coisa seja reduzida ao nada (absoluto); quero dizer, que não é possível que um ser qualquer, tendo matéria e forma, haja nascido sem que a matéria nunca tenha existido, nem que pereça de tal maneira que a própria matéria seja reduzida ao nada absoluto”.

Maimônides segue justificando a opinião desses filósofos: “Atribuir a Deus a faculdade de (fazer) semelhante coisa, seria, assim opinam, como se lhe atribuísse a faculdade de reunir num mesmo instante os dois contrários ou de criar seu semelhante, ou de se tornar corpo, ou de criar um quadrado cuja diagonal seja igual ao lado, ou de parecidas coisas impossíveis.”

Isso, não desabona Deus perante esses filósofos, continua Maimônides: “O que se deduz que eles querem dizer é que da mesma maneira que não pode ser qualificado com a impotência por não produzir coisas impossíveis, — pois o impossível tem uma natureza estável, que não é obra de um agente e que por causa disso é invariável, — da mesma maneira não se lhe poderia atribuir a impotência porque não fora capaz de produzir algo do nada (absoluto); pois isso é da categoria das coisas impossíveis”.

Nesse ponto, Maimônides introduz os princípios cosmogônicos desses filósofos: “Crêem então que existe uma matéria que é eterna como Deus; que Deus não existe sem ela, nem ela sem Deus. Sem dúvida, não crêem que a matéria ocupa no ser o mesmo lugar que Deus. Ao contrário, Deus é (segundo eles) a *causa* pela qual ela existe. A matéria seria para Deus o que a argila é para o oleiro, ou o que o ferro é para o ferreiro. Ele cria o que quer nela: seja formando céu ou terra ou qualquer outra coisa”.

Nota-se nesse trecho, a presença do *Timeu*, na passagem sobre o demiurgo (Tim., 28): “Assim, a tudo o que nasce é impossível ter origem sem aquilo o que causa...do que então o artífice (operador, demiurgo), na direção deste mantém o olhar sempre, ao que lhe serve o modelo, à forma e às propriedades que dele se realiza...” (tradução do prof. H .G. Murachco).

Maimônides prossegue traçando as linhas básicas dessa cosmogonia, escrevendo sobre a origem do céu: “Os partidários dessa opinião crêem também que o céu nasceu e (que é) perecível, mas que não nasceu do nada, nem deve perecer, de modo que volte (ao nada). Ao contrário, assim como os indivíduos animais nascem e perecem (saindo) de uma matéria que existe e (voltando) a uma matéria que existe, assim também o céu nasceu e deve perecer”.

Platão propõe claramente essa questão em (Tim., 28b): “Então todo o céu (οὐρανός) — ou mundo (κόσμος) ou também outro nome melhor apropriado, que a esse nós nomeamos — é necessário começar colocando, das duas uma, se ele sempre existiu não tendo nenhum princípio de origem, ou veio a ser tomando início ele mesmo a partir de um princípio qualquer”.

Nota-se aqui que Platão introduz a incerteza nessa questão, tanto com respeito ao nome, quanto com respeito à própria origem do céu. Maimônides parece não ter percebido esse matiz da opinião de Platão ao classificá-lo entre “os que pertencem a essa seita (e que) se dividem em várias classes, mas que é inútil mencionar neste tratado suas divisões e opiniões”. Teria sido útil a Maimônides ler o *Timeu* a partir do grego (segundo a nota 9 do texto traduzido para o castelhano de Maimônides, ele pode ter lido o *Timeu* a partir de uma tradução para o árabe), pois ele teria percebido que a opinião de Platão não é firme nesse caso.

De qualquer modo, Maimônides termina a exposição dessa cosmogonia, citando Platão a partir de sua leitura de Aristóteles: “O princípio universal desta seita é tal como acabo de expô-la. Platão professa esta mesma opinião. Podes comprovar que Aristóteles em sua *Physikhè Akroásis* (ou *Física*), disse que Platão acreditava que o céu tinha nascido e que (é) perecível. Também encontrarás claramente exposta a opinião de Platão no seu livro *Timeu*.”

Maimônides, finalmente, deixa claro que ele próprio crê que o céu era nascido, não de algo, mas do nada absoluto, marcando sua filiação à visão judaica, oposta à visão desses filósofos, incluindo Platão.

3) A visão de Aristóteles, seus seguidores e comentaristas de sua obra

Maimônides aqui expõe sua opinião da visão de Aristóteles: “Sustém, com os adeptos da seita da qual se acabou de falar, que nenhuma coisa material pode ser produzida sem uma matéria (pré-existente). Sustém, além disso, que o céu não está de modo algum sujeito ao nascimento e à corrupção. Eis aqui a síntese de sua opinião: pretende que este universo inteiro, tal qual é, assim foi sempre e sempre será; que a coisa estável que não está sujeita ao nascimento e à corrupção, quer dizer, o céu, nunca deixa de ser tal como é; que o tempo e o movimento são eternos e permanentes, sem nascimento nem corrupção; que o que nasce e perece, quer dizer o que está debaixo da esfera da lua, continua sempre assim (quer dizer, que esta matéria primeira em si mesma não é nascida e não perecerá, mas que as formas se sucedem nela, de modo que, despojada de uma forma, reveste-se de outra); finalmente, que toda a ordem (do universo), tanto o superior quanto o inferior, não será alterada e não cessará, que não se produzirá nele nada novo que não esteja em sua natureza e que não sobrevirá absolutamente nada que saia da norma. Embora não se expresse nestes termos, diz que pertence à categoria do impossível o que de Deus modifique sua intenção ou que sobrevenha uma vontade nova; que Deus fez existir todo este universo, tal qual é, por sua vontade sem que haja feito

surgir nenhuma coisa do nada. Também pensa que pertence à categoria do impossível que Deus cesse de existir ou que sua essência modifique, que pertence à categoria do impossível que mude de vontade ou que lhe sobrevenha uma nova intenção. Segue-se por conseguinte que todo esse universo, tal como é hoje, foi sempre assim em toda a eternidade e assim o será para sempre”.

Nota-se também que Platão incorpora e estende a visão cosmogônica de Aristóteles, expressa em “que a coisa estável que não está sujeita ao nascimento e à corrupção, quer dizer, o céu, nunca deixa de ser tal como é”, perguntando no *Timeu*, em (Tim. 27d-28): “qual é o ser eterno e que nunca nasce, e aquele que nasce sempre e que nunca é?”. Ou seja, Platão admite as duas possibilidades ao passo que Aristóteles, contenta-se com uma única neste aspecto: Platão introduz a incerteza na certeza de Aristóteles.

Cumprida ainda citar a passagem do *Timeu*, (Tim. 37 d-e), onde Platão fala da origem do tempo: “É porque seu autor (do mundo) se preocupou em fabricar certa imitação móvel da eternidade e, organizando o céu, ele fez, da eternidade imóvel e única, essa imagem eterna que progride de acordo com a lei dos números, essa coisa que nomeamos o tempo (χρόνον πνομακαμεν)” (tradução a partir do texto francês de A. Rivaud).

Por último é ressaltado aqui que as cosmogonias comentadas por Maimônides pressupõem a existência de Deus: “Pois a existência de Deus foi demonstrada e seria inútil mencionar as opiniões de pessoas que construíram seu sistema sobre uma base que já foi destruída por demonstração”. Assim, o filósofo não analisa as cosmogonias de “Epicuro, sua seita e suas semelhantes”.

COMENTÁRIOS

Pode-se resumir simplificada e esquematicamente na seguinte Tabela, a visão de Maimônides incluindo os comentários do autor deste artigo sobre o *Timeu* e sobre as três cosmogonias.

Tabela 1. Resumo das cosmogonias gregas e judaica.

Fatores da Cosmogonia	Platônica	Judaica	Aristotélica
Tempo	O tempo foi criado por Deus: No <i>Timeu</i> (Tim. 37 d-e), Platão fala da origem do tempo: “É porque seu autor (do mundo) se preocupou em fabricar uma certa imitação móvel da eternidade, e, organizando o céu, ele fez da eternidade imóvel e única, essa imagem eterna que progride de acordo com a lei dos números, essa coisa que nomeamos o tempo (χρόνον ὀνομακαμεν)”	O tempo é um acidente da coisa movida. O tempo não existia antes da criação do mundo, por Deus: o tempo “é uma coisa criada e nascida, como os outros acidentes e como as substâncias que levam a esses acidentes”. A criação do mundo por Deus não pode ter um começo <i>temporal</i> , porque o tempo também é uma coisa criada” (por Deus). (Criação <i>ex-nihilo</i>)	O tempo é eterno, permanente, sem nascimento nem corrupção.
Movimento	Antes da formação do mundo, movimento era caótico, “sem razão nem medida” (αλογως και αμετρως). Analisa o movimento sob o aspecto físico, em termos de equilíbrio, etc. em (Tim., 52d- 53b).	Subentende-se que seja criado por Deus. (Criação <i>ex-nihilo</i>).	O movimento é eterno, permanente sem nascimento nem corrupção.
Matéria	A matéria caótica é eterna: o demiurgo ou artífice constrói o mundo com ela, a partir de um modelo ideal, como se	Criada por Deus. (Criação <i>ex-nihilo</i>).	Pré-existente à Criação.

	fosse por exemplo, um oleiro trabalhando a argila (Tim.,28a).		
Céu	Nasceu e é perecível, segundo Maimônides. Porém uma leitura mais acurada de Timeu, indica que Platão tem dúvidas, em (Tim., 28b): “Então todo o céu (οὐρανὸς) – ou mundo (κόσμος) ou também outro nome melhor apropriado, que a esse nós nomeamos – é necessário começar colocando das duas uma, se ele sempre existiu não tendo nenhum princípio de origem, ou veio a ser tomando início ele mesmo a partir de um princípio qualquer”.	Criado por Deus. (Criação <i>ex-nihilo</i>).	Eterno: Não está sujeito ao nascimento e ao perecimento.

A comparação dessas cosmogonias é extremamente interessante e oportuna, porque permite apontar algumas diferenças entre as mentalidades grega e semítica, formadores básicos da Cultura Ocidental. Esse é um assunto interessante para reflexões e que pode ser complementado com a leitura de um livro comparando uma língua semítica, o hebraico com o grego: *Hebrew Thought compared with Greek* (Boman, 1960), que introduz tópicos importantes nesse tema. Para mais informações sobre esse assunto, ver também, *Traité de Logique* (Maimonides, 1996) e *Comentários sobre a influência de alguns tópicos da Perí Hermeneías de Aristóteles sobre o Tratado de Lógica de Maimônides* (Aly, 2000).

Uma das diferenças que chama a atenção é que a mentalidade judaica parece ser dotada de um grande poder de síntese, ao passo que a grega é mais analítica e também mais poética (ao se tratar de Platão); na cosmogonia judaica há uma clara hierarquia e divisão entre “antes” e “depois” na questão da Criação, ao passo que na grega, ou há uma espécie de invariância (Aristóteles) ou há uma cosmogonia de caráter especulativo que dá lugar à dúvida, que admite um modo poético no seu rigor construtivo (Platão).

Logicamente o que aqui se afirma, não pode ser um assunto esgotado, sendo ao contrário, muito mais complexo: não uma afirmação invariável, mas apenas um ponto de partida para uma pesquisa lingüística - filosófica mais profunda.

Uma tese muito interessante para um doutorado (não pudemos verificar os que já existem sobre o assunto) seria a extensão desse tema, tanto aprofundando as leituras já citadas neste trabalho (com leituras diretas do grego das obras de Platão, Aristóteles, Hesíodo, os filósofos pré-socráticos), como comparando essas cosmogonias com outras, como a hinduísta-budista, a chinesa-taoísta, a islâmica, entre as principais. Um bom ponto de partida seria os livros de Titus Burckhardt., como o da referência (Burckhardt, 1987). Talvez uma tese dessas, de caráter profundamente humanista, venha para melhorar a compreensão entre os homens neste mundo altamente globalizado.

Finalmente este breve estudo comparativo entre cosmogonias fundadoras, permite constatar que existem grandes divergências entre pensamentos tradicionais de caráter religioso e filosófico – teosófico poder-se-ia dizer e que reflete nas diferentes concepções contemporâneas científicas de cosmogonias, que são objetos de diferentes influxos especulativos; particularmente o fato de o tempo existir ou não antes do momento de criação do universo, produziu diferentes concepções de cosmogonias científicas: ver o verbete *Cosmogony* (Wikipedia, 2014).

A falta de modelos teóricos que expliquem os primeiros instantes do universo colabora para que nesse caso, a ciência seja tão especulativa quanto a filosofia ou a fé religiosa.

AGRADECIMENTOS

Um agradecimento especial ao prof. Dr. Henrique Graciano Murachco, a cujo método de ensino do grego e extrema dedicação e atenção para com seus alunos, permitiu através de seu curso de pós-graduação *Platão-Timeu-Proposta de uma leitura linear* na FFCLH-USP, que a leitura dessa obra crescesse e amadurecesse em nossa mente, após a leitura dessa mesma obra em tradução para o português.

Agradecemos também ao prof. Dr. Moyses Szajnbok, estudioso da obra de Maimônides, pela discussão deste trabalho e por suas indicações de referências da obra de Maimônides.

NOTA

Esse trabalho foi revisto e editado pelo autor para a presente publicação.

REFERÊNCIAS

ALY, Omar F. *Comentários sobre a influência de alguns tópicos da Perí Hermeneías de Aristóteles sobre o Tratado de Lógica de Maimônides*, monografia FFCLH-USP, 2000. (não publicada)

BOMAN, Thorleif. *Hebrew Thought compared with Greek*, NY: ed. W.W. Norton & Co., 1970.

BURCKHARDT, Titus. *Mirror of the Intellect: Essays on Traditional Science and Sacred Art*. Translated and edited by William Stoddart. Albany: State University of New York Press, 1987, 270 pages.

LELLO UNIVERSAL, *Dicionário Enciclopédico Luso –Brasileiro em 4 volumes*, Porto: Lello & irmão Editores, s.d.

MAIMÔNIDES, *Guía de los Descarriados-Tratado de Teología y de Filosofía, volumen II*, versión castellana y prólogo de Leon Dujovne, Buenos Aires: Editorial S.Sigal, s.d. p.70-76.

MAIMÔNIDES, *O Guia dos Perplexos parte 2*, tradução de Uri Lam, prefácio de José Luiz Goldfarb, São Paulo: Landy, 2003.

MAIMÔNIDES, *Traité de logique* com tradução direta do árabe, apresentação e notas por Rémi Brague, Paris: editora Desclée de Brouwer, (coleção Midrash), 1996.

PLATON, *Oeuvres Complètes- Tome X – Timée- Critias, texte établi et traduit par Albert Rivaud*, Paris: ed. Belles Lettres, 1985.

UNTERMAN, Alan. *Dicionário Judaico de lendas e tradições*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.

WIKIPEDIA, *The Guide for the perplexed*. Acessado em junho de 2014.

WIKIPEDIA, *Cosmogony*. Acessado em junho de 2014.